



**ESP** Espaço  
Público

**PSp** Public  
Space

**1**

**A Cidade como Sistema**

**Invisible interstices: from social buffers to transformative potentials**

**Espaço Urbano e Densidade: lições da pandemia**

**Espaço público e as temporalidades da paisagem: caminhos para a biodiversidade urbana e noturna**

**Relações de poder no fazer-cidade em torno da reforma da orla da Barra, em Salvador - Bahia (2013-2017)**

**"Caminhos do Romântico" no Porto e os Impactos na Percepção Ambiental com a Implementação da Ponte Ferreirinha: Uma perspectiva da Neurociência Aplicada ao Urbanismo**

**A qualificação do espaço público na Área Metropolitana de Lisboa (1998-2023): peças de um Atlas, hipóteses para um projeto metropolitano**

**A Cidade como Sistema**

**Invisible interstices: from social buffers  
to transformative potentials**

**Espaço Urbano e Densidade: lições  
da pandemia**

**Espaço público e as temporalidades da  
paisagem: caminhos para a biodiversidade  
urbana e noturna**

**Relações de poder no fazer-cidade em  
torno da reforma da orla da Barra, em  
Salvador - Bahia (2013-2017)**

**"Caminhos do Romântico" no Porto e os  
Impactos na Percepção Ambiental com a  
Implementação da Ponte Ferreira: Uma  
perspectiva da Neurociência Aplicada ao  
Urbanismo**

**A qualificação do espaço público na Área  
Metropolitana de Lisboa (1998-2023):  
peças de um Atlas, hipóteses para um  
projeto metropolitano**

# Editorial

Fernando Brandão Alves  
Editor Coordenador — CITTA - FEUP / FCTUC

José Rio Fernandes  
Editor FLUP / CEGOT

Paulo Farinha-Marques  
Editor FCUP / CIBIO

Teresa Calix  
Editor FAUP / CENP

## Editores de secção

Gisela Lameira; José Miguel Lameiras;  
Pedro Chamusca; Sílvia Ávila de Sousa

5

As cidades enfrentam pressões simultaneamente locais e globais, num tempo de grande mudança. Neste contexto, pensar o espaço público de forma criativa, crítica e multidisciplinar é tão complexo quanto essencial e urgente. Vivemos hoje a intensificação de dinâmicas de privatização, comodificação e financeirização, assim como processos de turistificação e gentrificação, introduzidos pela crescente mobilidade de pessoas e capitais, a par da securitização do espaço urbano, sem que haja suficiente debate nem definição do interesse público, tampouco de uma visão da cidade desejada. Surge, então, uma interrogação fundamental: que público é este ao qual nos referimos quando falamos em espaço de uso coletivo? Que público se problematiza — e como — na visão de um futuro melhor?

A ambiguidade do termo "interesse público" expõe tensões entre princípios individuais e coletivos, objetivos e subjetivos, tecnocráticos

e participativos. Essa tensão adquire contornos ainda mais críticos quando observamos debates crescentes sobre imigração, nacionalismo e direito à cidade, tanto na esfera política como académica. Afinal, quando dizemos "a nossa cidade", "o nosso espaço público", quem são, afinal, os "nós"? E, por oposição, os "outros", numa cidade que tem cada vez mais utilizadores, habitantes não residentes e/ou residentes temporários?

Entre os muitos palcos onde essas tensões se manifestam, o espaço público permanece como um dos mais visíveis e disputados. Um exemplo claro revela-se no poder do automóvel, cujo domínio remodelou (e por vezes desfigurou) os espaços de convivência urbana, privando especialmente a população não motorizada do seu direito ao seu uso livre. Em reação a esse passado marcado por uma modernidade funcionalista, emergem hoje propostas de resgate da proximidade e da habitabilidade destes territórios partilhados,

cuja implementação confirma que o espaço público é simultaneamente arena, objeto e símbolo de disputa política e ideológica que muda no tempo e no lugar.

6 Por um lado, a acessibilidade, o desenho inclusivo e a mobilidade sustentável são temas fundamentais que alimentam o debate atual sobre o redesenho e a reconfiguração do sistema de espaços públicos, assumindo uma perspectiva funcionalmente integradora, apostando também nos ganhos objetivos para o incremento da sustentabilidade ambiental das nossas cidades. A adaptação climática exige a renaturalização dos espaços urbanos, a permeabilidade e a biodiversidade. As transformações decorrentes do quadro de compensação de disfunções causadas pela alta densidade humana, conduzem à mudança dos comportamentos, e, como tal, impõem novas condições de participação social e processos de cocriação. Outras dimensões se impõem: até que ponto o espaço dito público não condiciona a sua utilização e segrega quem o utiliza, seja ao subordinar o ato de descansar à obrigação de consumo numa esplanada concessionada a uma empresa, seja através da criação de mobiliário urbano impróprio a quem possui uma condição física especial ou simplesmente uma idade diferente da do cidadão padronizado?

Por outro lado, não apenas o "público", mas o próprio conceito de "espaço" está em transformação. A digitalização introduz novas formas de presença social em ambientes semifísicos e semipúblicos, muitas vezes colonizados por lógicas corporativas e extrativistas, apesar da ilusão de acesso gratuito. Esta realidade paralela e híbrida conduz a fenómenos como a "ciborguização" do quotidiano e levanta

alertas sobre o risco de colonização digital das cidades inteligentes.

Neste contexto complexo e desafiante, nasce a revista **Espaço Público** que se posiciona como uma plataforma de reflexão crítica e criativa sobre o território, tanto físico quanto simbólico. Próxima do espírito de publicações que acolhem contribuições visuais e escritas, **Espaço Público** diferencia-se ao combinar rigor académico com inovação discursiva, visual e editorial, acolhendo artigos científicos, ensaios, projetos gráficos, narrativas experimentais e formatos híbridos.

Aberta à qualidade, à novidade e à transdisciplinaridade, em contributos de especialidade ou de abordagem mais integrada, a revista é uma iniciativa da Universidade do Porto que envolve as faculdade de Arquitetura, Ciências, Engenharia e Letras e as unidades de investigação Centro de Estudos Nuno Portas, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos e o Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente. Esta diversidade institucional reflete-se no compromisso com a amplitude científica e é reforçada pela abertura a académicos, investigadores, profissionais, estudantes, artistas, ativistas e cidadãos, todos convidados a contribuir com propostas consistentes e criativas.

**Espaço Público** é uma plataforma editorial de debate, exposição e transformação, um lugar onde o pensamento se torna público, partilhado e provocador. Porque é no confronto entre visões, linguagens e saberes que o espaço público se constrói verdadeiramente. Por isso, sobre espaço público, **Espaço Público** é, também, um espaço público.

# Editorial

Fernando Brandão Alves  
Editor in Chief – CITTA - FEUP / FCTUC

José Rio Fernandes  
Editor FLUP / CEGOT

Paulo Farinha-Marques  
Editor FCUP / CIBIO

Teresa Calix  
Editor FAUP / CENP

## Section Editors Team

Gisela Lameira; José Miguel Lameiras;  
Pedro Chamusca; Sílvia Ávila de Sousa

At a time when cities face both local and global pressures, thinking about public space in a creative, critical, and interdisciplinary way is a task that is as complex as it is essential and urgent. Today, we are experiencing the intensification of privatization, commodification, and financialization dynamics, as well as processes of touristification and gentrification, introduced by the growing mobility of people and capital, alongside the securitization of urban space, without any debate or definition of the public interest, and often without even a vision of the desired city. This raises a fundamental question: what public are we referring to when we talk about space for collective use? What public is problematized—and how—in the vision of a better future?

The ambiguity of the term "public interest" exposes tensions between individual and collective principles, objective and subjective, technocratic and participatory. This tension becomes even more critical when we observe

growing debates on immigration, nationalism, and the right to the city, both in the political and academic spheres. After all, when we say "our city," "our public space," who are 'we' anyway? And who are the "others" in a city that has an increasing number of users and temporary residents?

Among the many arenas where these tensions manifest themselves, public space remains one of the most visible and contested. A clear example is the power of the automobile, whose dominance has reshaped (and sometimes disfigured) urban living spaces, depriving the non-motorized population in particular of their right to free use.

In reaction to this past marked by functionalist modernity, proposals are now emerging to restore the proximity and habitability of these shared territories, whose implementation confirms that public space is simultaneously an arena, an object, and a symbol of political

and ideological dispute.

On the one hand, accessibility, inclusive design, and sustainable mobility are fundamental themes that fuel the current debate on the redesign and reconfiguration of the public space system, taking a functionally integrative perspective, but also focusing on objective gains to increase the environmental sustainability of our cities. Climate adaptation requires the (re)naturalization of urban spaces, permeability, and biodiversity. The transformations resulting from the compensation for dysfunctions caused by high human density determine changes in behavior and, as such, impose new conditions for social participation and co-creation processes.

8

On the other hand, not only the "public," but the very concept of "space" is undergoing transformation. Digitization introduces new forms of social presence in semi-physical and semi-public environments, often colonized by corporate and extractive logics, despite the illusion of free access. This parallel and hybrid reality leads to phenomena such as the "cyborgization" of everyday life and raises warnings about the risk of digital colonization of smart cities.

In this dense and challenging context, **Public Space** Journal was born, positioning itself as a platform for critical and creative reflection on territory, both physical and symbolic. Close to the spirit of publications such as *Domus*, *Casabella*, or *Lotus*, which welcome visual and written contributions, **Public Space** stands out by combining academic rigor with discursive, visual, and editorial innovation, welcoming scientific articles, essays, graphic projects, experimental narratives, and hybrid formats.

Open to quality, novelty, and transdisciplinarity, in contributions of expertise or a more integrated approach, the journal is an initiative of the University of Porto involving FAUP, FCUP, FEUP, and FLUP, as well as the research centers CENP, CEGOT, CIBIO, and CITTA. This institutional diversity is reflected in its commitment to scientific breadth and openness to academics, students, professionals, artists, activists, and citizens, all of whom are invited to contribute bold, consistent, and creative proposals.

**Public Space** aims to be an editorial platform for debate, exhibition, and transformation, a place where thought becomes public, shared, and provocative. It is in the confrontation between visions, languages, and knowledge that the public space is truly constructed.

Brandão Alves, Fernando, Rio Fernandes, José, Farinha-Marques, Paulo, & Calix, Teresa (2026). "Editorial". *Revista Espaço Público | Public Space Journal*, Vol. 1 N. 1, pp. 5-9. <https://www.up.pt/revistas/index.php/rep>. DOI: <https://doi.org/10.34626/esp.v1i1.2218>